

ANTÓNIO GÓIS



**TEMPLÁRIOS
EM
PORTUGAL**

ebook

Tempus
MAGAZINE



António Góis

(2017)

Templários
em
Portugal

Patrocinios

Tempus
MAGAZINE

www.tempusmagazine.pt

Biblioteca
imaginária

www.bibliotecaimaginario2.pt



"Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam"

Quem foram realmente os Cavaleiros Templários cuja memória vive ainda hoje rodeada de lendas e mistérios? Quais foram os seus desígnios na fundação do Reino de Portugal? Que misteriosa relação existia entre D. Afonso Henriques e os míticos cavaleiros?

É do conhecimento geral que no dia seguinte ao aprisionamento dos Templários franceses, toda a esquadra zarpou durante a noite, desaparecendo sem deixar registos. Por essa mesma data, o rei português D. Dinis nomeava o primeiro almirante português de que há memória, apesar de Portugal na altura ainda não dispor de uma armada; por outro lado, D. Dinis evitou entregar os bens dos templários à Igreja e conseguiu criar uma nova ordem, a Ordem de Cristo com base na Ordem Templária, adotando por símbolo, uma adaptação da cruz orbicular templária que haveria de percorrer o mundo nas velas das caravelas Portuguesas.



I

A FUNDAÇÃO DA ORDEM

Antes de nos debruçarmos sobre o tema dos templários em Portugal, convém fazer uma breve resenha do início da Ordem, segundo os documentos mais credíveis sobre a fundação da Ordem do Templo e dos Pobres Cavaleiros de Cristo.

A primeira informação histórica sobre os templários, amplamente conhecida, foi feita pelo historiador *Guillaume de Tyre*, que a descreveu de 1175 a 1185. Foi a época do ápice das cruzadas, quando os exércitos ocidentais já haviam conquistado a Terra santa e estabelecido o reino de Jerusalém, ou como era chamado pelos templários reino de Ultramar, A terra além do mar (esse termo foi ainda muito utilizado em outros contextos).

Segundo o mesmo, a Ordem dos pobres cavaleiros de Cristo do Templo de Salomão foi fundada em 1118 por *Hugo de Payens*, um nobre da região de Champagne, vassalo do conde de Champagne. (Payens nasceu no baixo Reno, o seu registo de nascimento foi encontrado e a data é 9 de Fevereiro de 1070)

Eram 9 os templários, «*Hugo de Payens, Godofredo de Saint-Omer* (um Flamengo), *André de Montbard*, (nascido em 1095 e tio de Bernardo de Claraval), *Archambaud de Saint Aignan, Payen de Montdidier, Geoffroy Bissol*, um tal *Roral* (de quem nada se sabe), e *Hugues Rigaud* (que teria sido originário do Languedoque), e ainda *Frei Arnaldo*, ou Arnaldo, ou ainda

segundo Andre Paraschi, *D. Pedro Arnaldo da Rocha* (que mais tarde viria a ser Grão mestre da ordem em Portugal) e que teria sido um dos nove fundadores da Ordem dos Cavaleiros Templários em Jerusalém», todos eles veteranos da primeira cruzada, que se apresentaram ao *rei Balduíno II*, que em 1119 controlava Jerusalém e recebem uns aposentos na parte sudoeste do antigo templo do rei Salomão. Segundo a lenda o templo do rei Salomão foi construído para guardar grandes quantidades de ouro, a Arca da Aliança, os dez mandamentos e a sabedoria do rei Salomão, considerado o mais sábio dos homens do seu tempo.

O objectivo declarado, continua Guillaume, era tanto quanto permitissem as suas forças, manter as estradas e vias seguras para os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa.

Durante 9 anos, conta Guillaume, os 9 cavaleiros não aceitaram que outras pessoas entrassem na ordem, e a pobreza era tamanha que várias ilustrações mostravam 2 cavaleiros montados em um único cavalo. Na realidade, o que existe é um enorme silencio sobre os primeiros anos da ordem, e nem mais tarde se tem relatos de peregrinos sendo protegidos por eles.

A regra dessa ordem religiosa de monges guerreiros (militar) foi escrita por *Bernardo de Claraval*. A sua divisa foi extraída do livro dos Salmos: "*Non nobis Domine, non nobis, sed nomine Tuo da gloriam*" (Sl. 113,9 - Vulgata Latina) que significa "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai a glória".

Em 1128, a ordem recebeu aprovação do Papa no *Concílio de Troyes*. Em 1139, veio a consagração definitiva: uma nova bula papal isentava os templários da obediência às leis locais. Eles ficariam submetidos, dali em diante, somente ao sumo pontífice.



II

O FIM DA ORDEM

Com o passar do tempo, cada vez mais ricos e poderosos, os Templários estabeleceram uma grande rede de influência na Europa. Entretanto, com a derrota da última Cruzada, quando os muçulmanos conquistaram a última cidade cristã na Terra Santa, o poder dos Templários foi abalado. O rei da França, Felipe o Belo, descontente e endividado começou a persegui-los, já que medidas anteriores como desvalorização da moeda entre 1290 a 1309, perseguição aos judeus tomando-lhes bens e expulsando-os dos territórios franceses e confisco dos bens dos banqueiros lombardos e de alguns de abades, mostraram-se insuficientes.

Com graves problemas financeiros e tendo de recorrer a empréstimos junto aos templários para manter os negócios do seu reino, Filipe IV usou a sua influência sobre o *Papa Clemente V*, sob a sua dependência, para acabar com a ordem e confiscar todos os seus bens. Para isso pôs em andamento uma estratégia de descrédito, acusando-os de heresia, imoralidade, sodomia e diversos outros crimes.

Na sexta-feira, dia *13 de outubro de 1307*, centenas de cavaleiros templários por toda a França foram presos simultaneamente por agentes de Filipe o Belo e sujeitos a tortura para confessarem a heresia. Em 1312, o papa francês extinguiu a ordem por uma bula, retirando a sua proteção e o seu estatuto

eclesiástico. Em 1314, o último grão-mestre, Jacques_de_Molay, foi queimado na fogueira em Paris.

Só houve execuções em França, visto que os restantes países tiveram para com os templários uma outra consideração, apesar de nalguns casos os soberanos terem aproveitado para se apoderar dos seus bens. Assim, se em Inglaterra *Eduardo II* confiscou em proveito da Coroa todos os bens da Ordem, havendo um inquérito, mas sendo os acusados absolvidos, se na Itália houve reações variáveis, desde Nápoles e o Piemonte onde foram perseguidos, até à Sicília, onde foram igualmente absolvidos, já na Alemanha o concílio de Mogúncia pronunciou-se pela inocência dos cavaleiros, sendo os seus bens, contudo, distribuídos pelos senhores feudais e pela Ordem dos Cavaleiros Teutónicos.

O certo é que mesmo com estes atributos de benevolência, a Ordem foi extinta. E em Portugal? O que se passou realmente?



III

OS PRIMEIROS TEMPLÁRIOS NO CONDADO

Os Cavaleiros da Ordem do Templo chegaram ao Condado Portucalense ainda na época de D. Teresa, condessa de Portugal, que lhe fez a doação da "villa" de Fonte Arcada, atual concelho de Penafiel, em 1126.

Assim, os Templários recebiam as primeiras terras, doadas por *D. Teresa* em 1126, ainda antes do nascimento do Reino. Note-se que por esta altura, 1126, os Cavaleiros da Ordem do Templo ainda não haviam sido oficialmente reconhecidos pela Igreja, o reconhecimento oficial só viria a acontecer mais tarde no *Concílio de Troyes*, em 1128.

Em 19 de Março de 1128, D. Teresa concede ao Cavaleiro Templário Raimundo Bernardo o castelo de Soure. A cerimónia de doação realizou-se em Braga e nela esteve presente o Rei de Leão, *D. Afonso VII*. Depois da batalha de São Mamede, (nesse mesmo ano) D. Afonso Henriques viria a confirmar a concessão de Soure aos Templários.

Temos então os Templários instalados no Condado Portucalense em 1128, mais propriamente no castelo de Soure, sua primeira sede no Condado.

A Ordem afirma-se em Portugal, como o provam as doações que se seguem nos anos a seguir: em 1145 D. Afonso Henriques doou á Ordem os castelos de

Longroiva, Mogadouro e Penas Roias. Em 1152 foi-lhes doada Sintra. De notar que alguns historiadores apontam esta data de 1152 como sendo a data em que D. Afonso Henriques terá doado Sintra a Gualdim Pais. Ora bem... Gualdim Pais só regressou a Portugal em 1156. Em 1153 Gualdim Pais encontrava-se na Terra Santa onde participou no cerco de Gaza nesse mesmo ano. Para mais, nada indica que Gualdim Pais quando saiu de Portugal (depois da Batalha de Ourique, fosse Cavaleiro da Ordem. Gualdim Pais terá entrado na Ordem durante a sua estada na Terra Santa).

Ora bem, todas as doações feitas aos cavaleiros obedeciam a duas condições: Os Templários deveriam lutar contra os Mouros e povoar os territórios conquistados.

Em 1156 dá-se então o acontecimento que aproximaria ainda mais os Cavaleiros do Templo e o Reino de Portugal. Gualdim Pais regressa a Portugal vindo de Jerusalém e torna-se Grão-mestre da Ordem em Portugal. Mas quem era Gualdim Pais?



IV

D. GUALDIM PAIS

Gualdim Pais. Não se conhece, sobre ele, nenhuma biografia medieval ou sequer registos em crónicas de um qualquer scriptorium desse tempo. O que se sabe acerca da sua vida baseia-se essencialmente em fontes documentais da chancelaria régia ou da própria Milícia em Portugal.

Desde finais do século XVIII que a historiografia respeitante à Ordem, em Portugal, tem ressaltado o contributo singular de **D. Gualdim Pais** nos anais templários. Isso fica bem visível, por exemplo, na obra que fr. Bernardo da Costa publicou sobre a Milícia, em 1771, ou nas páginas que fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, por finais dessa mesma centúria, dedicou aos “Tempreiros”. Devemos ter presente, todavia, que o protagonismo histórico de D. Gualdim Pais ficou registado quase exclusivamente em fontes portuguesas, não se encontrando registos cronísticos ou diplomáticos sobre ele nas fontes estrangeiras.

Gualdim Pais terá nascido em Amares em 1118. Filho de Paio Ramires e de Gontrode Soares, foi criado no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Durante o ano de 1128, Gualdim Pais terá passado a ser educado na corte, perto de D. Afonso, nove anos mais velho. O pequeno Gualdim era sobrinho de D. Paio Mendes, arcebispo de Braga, a figura mais importante do clero português, aliado e conselheiro político de D. Afonso Henriques.

No ano de 1139, vamos encontra-lo com Afonso Henriques na batalha de Ourique. Segundo a tradição, Afonso Henriques venceu o exército de cinco reis mouros que se tinham reunido contra ele. Antes da batalha é aclamado como rei pelos seus cavaleiros. Gualdim Pais, então com 21 anos, era um desses homens. Lutou com tanta coragem que logo ali, no mesmo dia em que pela primeira vez chamaram rei a Afonso Henriques, foi armado cavaleiro pelo príncipe português.

Em 1147, na conquista de Santarém, D. Gualdim é um dos 120 guerreiros que, ao lado do rei, vão tomar de assalto o castelo de Santarém, escalando as suas muralhas durante a noite. O rei seleccionou, sem dúvida, os seus melhores combatentes para este ataque e boa parte desta força eram cavaleiros Templários. Nesse mesmo ano, na conquista de Lisboa, D. Gualdim está entre os 30.000 guerreiros, cerca de 15.000 portugueses e outros tantos Cruzados estrangeiros, que durante quatro meses atacaram a cidade de Lisboa até à sua rendição.

Em 1151 parte para a Terra Santa. Na continuação da 2ª Cruzada, que começou pela conquista de Lisboa e vai continuar na Terra Santa, Gualdim Pais embarca para Jerusalém. Nestas terras cristãs do Oriente vai D. Gualdim, durante cinco anos, viajar e combater contra os muçulmanos. Terá sido já em Jerusalém que entrou para a Ordem, recebido pelo Grão-Mestre Templário, Bernard de Trémelay.

Em 1156, depois de participar ainda no cerco de Gaza e no ataque e rendição de Sídon, Gualdim Pais, voltou para o Rei que o criara e o fizera cavaleiro (Afonso Henriques). Nestes anos de combates e viagens por terras do Médio Oriente, D. Gualdim Pais viu e aprendeu muito. Conheceu as técnicas mais avançadas na construção de castelos, erguidos na Terra Santa pelos Cruzados. Quando chegou a Portugal, tornou-se Grão-mestre da Ordem do Templo e revolucionou a forma de construir as fortalezas. Entre outras novidades, D.

Gualdim viria a introduzir o alambor e a torre de menagem, que surgem, pela primeira vez em Portugal, no castelo de Tomar.

Depois de conquistar Lisboa, D. Afonso Henriques tentou, por três vezes, conquistar o castelo de Alcácer do Sal. Falhou sempre. Em 1158, o nosso primeiro rei atacou mais uma vez. Só com forças portuguesas, cercou e atacou o castelo. Ao fim de dois meses de combates, Alcácer caiu nas mãos de Afonso Henriques.

Foi durante uma dessas lutas, enquanto tentava escalar as muralhas, que foi morto o Mestre dos Templários Portugueses, D. Pedro Arnaldo. Com a morte de D. Pedro Arnaldo, ficaram os Templários sem Mestre, escolhendo Gualdim Pais para os comandar, o que foi do agrado de D. Afonso Henriques. Não se sabe ao certo se D. Gualdim Pais assumiu o comando dos Templários portugueses em finais de 1158 ou no início de 1159. O que se sabe é que, depois dele, nada seria como antes.



VI

A ORDEM DE CRISTO

Abula Papal Vox Clamantis de Clemente V decretara, em 1312, a extinção da Ordem do Templo. Posteriormente o Papa ordenara que os bens desta, em toda a cristandade, fossem entregues aos Hospitalários.

D. Dinis, que então presidia ao trono de Portugal, resistiu a aceitar a diretiva papal que mandava extinguir a Ordem do Templo, consciente do relevantíssimo serviço que a mesma tinha prestado e continuava a prestar na defesa e povoamento do território português, anexa provisoriamente à coroa os bens dos Templários e habilmente inicia diligências junto da Santa Sé para a criação de uma nova milícia religiosa, alegando a necessidade de defender Portugal do Islão que avizinhava as fronteiras do reino. A 19 de Março de 1319, por bula de João XXII, é instituída a Ordo Militae Jesu Christi, ou Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A solução passou por mudar o nome. Mantiveram-se os mesmos efectivos, os mesmos bens e a estrutura organizativa, mas mudou-se o nome da Ordem. A Ordem passou a chamar-se Ordem de Cristo. Assim, com esta jogada de diplomacia, D. Dinis salvou muitos Templários que passaram a ser integrados na Ordem de Cristo, no fundo, o nome novo da Ordem do Tempo ou dos Cavaleiros de Cristo.

É hoje mundialmente reconhecido, quão importante e decisivo foi este empenho político de D. Dinis em evitar a extinção dos Templários em

Portugal. Mais tarde, a Ordem de Cristo iria liderar uma das empresas mais importantes e significativas de toda a História de Portugal: as viagens marítimas de descobrimento. Através da liderança de um dos mais famosos Grão Mestres da Ordem de Cristo, o Infante D. Henrique, Portugal ficaria na história universal como o primeiro império global da humanidade e o pioneiro da construção da globalização.

A Ordem de Cristo segue, como no tempo dos Templários, a regra de Cister e é nomeado mestre, D. Gil Martins, igualmente mestre da Ordem de Avis. Semelhante ao dos Templários, o hábito dos cavaleiros é branco com a cruz vermelha, mas a sua forma é ligeiramente diferente: enquanto a templária tinha os braços curvos, na milícia de Cristo a cruz passa a ter os braços direitos com serifas nas pontas e vazada a branco no meio.

A nova milícia mantém a subordinação ao rei, sendo necessária a sua aprovação para todos os actos de administração, alienação de bens, alteração de costumes, destituição de freires ou comendadores. Nas primeiras décadas de existência da Ordem de Cristo, os ex-templários estabeleceram estaleiros em Lisboa, fizeram contratos de manutenção de navios e dedicaram-se à tecnologia náutica, aproveitando o conhecimento adquirido no transporte marítimo de peregrinos entre a Europa e o Oriente Médio durante as cruzadas. Ao mesmo tempo, preparavam planos para voltar à ação, contornando a África por mar

O cargo de mestre passara após 1417 a ser exercido por membros da Casa Real, que se passaram a nomear administradores e governadores por nomeação papal. O primeiro foi o infante D. Henrique, «que a encaminhou para o que parecia ser sua «missão» inicial, a de conquista da Ásia, através das viagens marítimas, que a própria ordem financiou.»

Os ideais da expansão cristã reacenderam-se no século XV quando seu Grão-Mestre, Infante D. Henrique, investiu os rendimentos da Ordem na exploração marítima. O emblema da ordem, a Cruz da Ordem de Cristo, viria a adornar as velas das caravelas que partiriam para os descobrimentos.



VII

O PERCURSO DA ORDEM DE CRISTO

A partir de 1417, o cargo de Grão-mestre da Ordem de Cristo passa então a ser exercido por membros da casa real e o primeiro Grão-mestre é nem mais nem menos que o Infante D. Henrique.

Nas primeiras décadas de existência da Ordem, os Ex templários estabeleceram estaleiros em Lisboa, fizeram contratos de manutenção de navios e dedicaram-se à tecnologia náutica.

Com o Infante dá-se início à fase dos descobrimentos, aproveitando os conhecimentos dos templários, que durante as cruzadas, além de se especializarem no transporte marítimo de peregrinos para a Terra Santa, tinham mantido contato com viajantes de toda a Ásia.

O Infante resolve dar a volta ao continente Africano. A proposta recebeu o aval do papa Martinho V, em 1418, na bula Sane Charissimus, que deu um caráter de cruzada ao empreendimento. As terras conquistadas aos infiéis, passariam à Ordem de Cristo, que teria sobre elas tanto o poder temporal, de administração civil, quanto o espiritual, isto é, o controle religioso e a cobrança de impostos eclesiásticos.

Graças à Ordem e à sua política de sigilo, os portugueses sabiam da existência de terras na parte do globo onde hoje está o Brasil, sete anos antes da viagem

de Cabral. E, trinta anos antes da viagem de Colombo, todos os mapas lusitanos mostravam ilhas com o nome de “Antílias”, a oeste de Cabo Verde. O mais famoso cartógrafo italiano da época, Paolo Toscanelli, escreveu a um amigo português, em 1474, falando da “Ilha de Antília, que vós conheceis”. Nesse ano, também há notícia de que o navegador cruzado João Vaz da Corte Real explorou o Caribe e foi até a Terra Nova (o Canadá).

Mas à medida que foi sendo consolidado o comércio na rota das Índias, a partir da sua descoberta em 1498, a coroa foi absorvendo gradualmente todo o poder da Ordem. A organização, consagrada desde os tempos de D. Dinis, foi reformada por D. João III em 1529, passando a Ordem à estrita clausura.

Em 1789, a rainha D. Maria I, reformou de novo a ordem, mas esta continuou como ordem monástico-militar.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, também a Ordem de Cristo foi extinta. A maior parte dos seus bens foi expropriado e vendido em praça pública. Maria II constituiu-a em ordem honorífica.

Em 1910, com a implantação da República, foi extinta.

Apesar de extinta pelo Decreto de 15 de Outubro de 1910, juntamente com as “antigas ordens nobiliárquicas”, a mesma foi restabelecida pelo Decreto de 1 de Dezembro de 1918, ficando então “destinada a premiar os serviços relevantes de nacionais ou estrangeiros prestados ao país ou à humanidade, tanto militares como civis”.





VIII

AINDA EXISTEM TEMPLÁRIOS?

Após a morte de Jacques De Molay em 1314, a Ordem do Templo continuou a existir secretamente em França até 1705, ano em que foi eleito o 41º Grão-mestre, o Duque de Orleães.

O período de clandestinidade terminou com a proclamação dos Estatutos de 1705, pelo monarca francês Luís Filipe de Orleães. Daqui para diante a *Ordem* já não teve mais necessidade de viver na clandestinidade.

E continua ainda hoje viva um pouco por todo o mundo.

Ao Duque de Orleães, falecido em 1723, sucederam Três Príncipes de Bourbon, foram Grão Mestres entre 1723 e 1776.

A Ordem expandiu-se entre 1818 e 1841 com priorados na Grã-Bretanha, Alemanha, bélgica e Suíça. Abriram também delegações no Brasil, Suécia, Índia e Nova Iorque.

Com o fim de assegurar a sobrevivência, durante a Segunda Guerra Mundial a Ordem muda-se para Portugal, País então neutro, sendo Grão-mestre o Conde António Campelo Pinto de Sousa Fontes, isto até 1960, sendo depois sucedido pelo seu filho, o Conde Dom Fernando Pinto de Fontes, 51º Grão-mestre.

*Do nada construámos um País
E dele fizemos o nosso Templo
900 anos depois...velhos e esfarrapados
Continuamos por cá.*



<http://www.tempusmagazine.pt>